

ENTRE A VIDA RURAL E A VIDA URBANA: OS EMBATES CULTURAIS VIVIDOS POR AKU-NNA

BETWEEN THE RURAL AND THE URBAN LIFE: THE
CULTURAL IMPACTS EXPERIENCED BY AKU-NNA

Jessica França de Oliveira

Doutoranda em Estudos Literários pela
Universidade Federal de Juiz de Fora
(MG)

Enilce do Carmo de Albergaria Rocha

Professora Associada IV na Universida-
de Federal de Juiz de Fora (MG)

Resumo: Em *Preço de noiva* (2020), temos como pano de fundo a trajetória de Aku-nna sendo forçada a se mudar da capital da Nigéria para a região rural. Portanto, o objetivo desta pesquisa é analisar como o deslocamento da personagem a coloca em constantes embates culturais, levando-a a confrontar o patriarcalismo tanto nas esferas tradicionais quanto coloniais. Sob revisão bibliográfica, o quadro teórico é formado por teóricos como: Homi Bhabha (1998), Patricia Hill Collins (2000), Edward Said (2011) e Édouard Glissant (2013). Depreende-se que a obra ilustra as diversas formas de violência a que estão submetidas as mulheres e como elas buscam por estratégias de enfrentamento e resistência.

Palavras-chave: Aku-nna, colonialismo, mulheres, Nigéria, *Preço de noiva*.

Abstract: In *Preço de noiva* (2020), we have as a background the trajectory of Aku-nna being forced to move from the capital of Nigeria to a rural region. Therefore, the objective of this research is to analyze how the character's displacement puts her in constant cultural impacts, leading her to confronting patriarchy in both traditional and colonial spheres. Under a bibliographical review, the theoretical framework is formed by theorists such as: Homi Bhabha (1998), Patricia Hill Collins (2000), Edward Said (2011) and Édouard Glissant (2013). It appears that the work illustrates the various forms of violence to which women are subjected and how they seek for confrontation and resistance strategies.

Keywords: Aku-nna, colonialism, women, Nigeria, *The Bride Price*.

Introdução

Por séculos, os povos não-europeus foram descritos na literatura sob a perspectiva do homem branco, geralmente como seres inferiores, personagens secundários e subservientes. Com a emergência dos estudos pós-coloniais, contudo, possibilita-se o rompimento com esse eurocentrismo, de modo que ouçamos não apenas um único lado da história, mas as múltiplas histórias provenientes de vozes antes consideradas marginais, como no caso das mulheres negras.

Florence Onyebuchi Emecheta, mais conhecida como Buchi Emecheta, nasceu em 1944, na cidade iorubá de Lagos, embora grande parte de sua infância tenha se passado na cidade de Ibuza, terra de seus pais, que faziam questão de cultivar nos filhos as raízes da etnia igbo. Casou-se bem jovem e logo se mudou para Londres, cidade em que experienciou um matrimônio de muitos abusos. Entretanto, bastante determinada, não desistiu de seus sonhos, tornando-se uma das vozes mais proeminentes da mulher nigeriana nos campos literários.

A vida marcada pela mobilidade, bem como pela diversidade cultural, torna-se inspiração para seus escritos, geralmente protagonizando mulheres sujeitas a diversas formas de exploração, bem como as estratégias de enfrentamento dessas personagens. Em *Preço de noiva*, lançado em 1977 e com publica-

ção brasileira em 2020, temos como pano de fundo a Nigéria colonial após a Segunda Grande Guerra, em que acompanhamos a trajetória de Aku-nna, que se vê obrigada a se mudar da capital, Lagos, juntamente com a mãe e o irmão mais novo, para uma aldeia em Ibuza, no interior do país. Desse modo, busca-se, neste trabalho, analisar como o deslocamento forçado de Aku-nna, da zona urbana para a zona rural, coloca-a em constantes embates culturais, levando-a a confrontar o patriarcalismo tanto nas esferas tradicionais quanto coloniais.

2.1 A voz da e para além da marge

A colonização europeia, iniciada por intermédio da expansão marítima, foi um processo que, nos dizeres de Aimé Cesáire (1978), nada tem de civilizado, tampouco de humano. Isso porque o colono, ao ser reduzido como não-humano, acaba por ter seus modos culturais e sociais vistos como errados, inferiores e incivilizados. Essa atitude serve para justificar a violência, seja física ou epistêmica, com a qual os europeus impuseram seus modos e costumes considerados como únicos, certos e, portanto, civilizados.

Entretanto, especialmente durante o século XX, diversos países africanos, como no caso da Nigéria, iniciaram disputas políticas, de guerra e de movimentos de independência. Neste cenário, se intensificam,

também, os processos de migração para a Europa e Estados Unidos. Quando se desloca e ocupa os espaços das ciências, das artes e das Literaturas, esse indivíduo contribui para a construção de novas e múltiplas histórias.

Nesse sentido, escritores que emergem do contexto pós-colonial trazem histórias sob novas perspectivas, que por um longo período foram silenciadas pela epistemologia euro-americana. Embora o prefixo “pós” gere controvérsias, o consideramos como aquele que abrange todas as produções culturais que retratem o poder colonial na contemporaneidade (ASHCROFT et al., 2002). De acordo com Edward Said (2011), não há como dizer que o imperialismo, de repente, se transformou numa página virada. Toda uma herança de vínculos ainda conecta os países colonizados aos colonizadores. Essa ideia dialoga com a ciência *descolonial* defendida por Boaventura Santos (2010). Diferentemente do *pós*, que pressupõe uma situação posterior a algo, o prefixo *des* significa oposição, no sentido de findar as relações políticas, mas considerar que as relações sociais ainda existem, tornando-se parte constituinte da modernidade.

Se os discursos dos indivíduos colonizados foram silenciados ao longo dos séculos, a questão da mulher negra se encontra em uma posição ainda mais periférica. A partir disso, é importante considerar o feminismo negro, denominado como *womanism*. A proposta consiste, segundo Patricia Hill Collins (2000),

em ponderar que as mulheres negras são oprimidas a partir de duas vias: o sexismo e o racismo. Noutras palavras, o feminismo negro não trata apenas da questão de gênero, mas, também, das questões raciais e socioeconômicas.

Assim, a política feminista negra, como declara Boyce Carole Davies (1994), deve ser claramente oposta aos sistemas de objetificação das mulheres na sociedade, pois só assim atingirá o objetivo de ser transformadora, especialmente ao se expressar por meio das artes. Abre-se espaços para que as vozes, antes silenciadas e subalternizadas, sejam, por fim, ouvidas e respeitadas, pois como nos diz Édouard Glissant (2013),

no encontro das culturas do mundo, precisamos ter a força imaginária de conceber todas as culturas como agentes de unidade e diversidade libertadoras, ao mesmo tempo. É por isso que reclamo para todos o direito à opacidade [...]. Nos dias de hoje, o direito à opacidade seria o indício mais evidente de não-barbárie (GLISSANT, 2013, p. 73).

O teórico Walter Mignolo (2003), a respeito da *gnose liminar* ou *pensamento liminar*, defende justamente essa produção epistêmica de forma mais abrangente, afirmando os sujeitos em suas localidades, ou seja, que falam *a partir* das localidades marginais e *para além* delas. Esse pensamento vai de encontro ao que afirma Glissant (2013), ao considerar a

literatura uma ferramenta capaz de dar visibilidade aos indivíduos subalternizados, possibilitando o encontro de todas as culturas e línguas, resultando em uma *Poética da Relação*. Uma proposição que se assemelha à de Homi Bhabha (1998), posto que o teórico defende que as relações entre diferentes povos e culturas devem se manter não por meio do processo de negação, que anula o outro, mas pela *Negociação*, em que se torna possível uma articulação cultural.

Portanto, é importante considerarmos os processos de colonização, fluxo migratório e a conseqüente emergência de mulheres e negras na Literatura, para então traçarmos um paralelo entre a vida de Buchi Emecheta e seus escritos. Isso porque, em seu fazer literário, a autora dispõe de estratégias para questionar tanto as práticas tradicionais igbo, quanto coloniais, especialmente relacionadas às mulheres. Trata-se das conseqüências dos deslocamentos geográficos e culturais que transpassaram sua vida, permitindo-lhe que desenvolvesse um olhar plural e crítico. De acordo com Said (2011), não há como desvincular os escritores de suas histórias e sociedades, uma vez que os indivíduos moldam e são moldados por essas histórias e experiências.

Em *Preço de noiva (2020)*, a autora constrói os principais personagens a partir da mobilidade e da diversidade cultural. Aku-nna, ao ter de se mudar para uma área rural, numa pequena aldeia igbo na Nigéria, completamente diferente da vida urbana na

capital Lagos, a qual era influenciada pelos costumes do colonizador, sofrerá profundos impactos socioculturais e dificuldades em se adaptar ao novo espaço. Isso ocorre especialmente porque a personagem se vincula à identidade cultural da região em que vivia. Como nos diz Erick Hobsbawn (2008), as tradições se baseiam em um conjunto de práticas, normalmente regulamentadas, de ordem ritual ou simbólica, que visam imbuir certos valores, bem como normas e comportamentos através da repetição.

Por meio da observação e do contato com outros membros, somos inseridos em contextos sociais, culturais e econômicos para aprendermos a desenvolver e a cultivar costumes e práticas fundamentais, de modo a sermos aceitos dentro de uma comunidade. Como consequência, a própria identidade do indivíduo se vincula a uma ideia de pertencimento àquele grupo. Por isso, quando se desloca ou é forçado a se deslocar, esse indivíduo encontrará problemas para se adaptar ao novo espaço.

2.2 O impasse de Aku-nna: entre estruturas das tradições igbos e as influências da educação ocidental

Os diversos grupos étnicos da Nigéria, bem como as consequências da colonização, contribuem para a construção de um cenário rico em sua diversidade. De acordo com Daniel Harmon (2001), o país possui mais de duzentos e cinquenta grupos étnicos, com predominância de três: os *iorubás*, principal grupo étnico, dominante no sudoeste; os *Hausa-Fulani*, no norte; e os *igbos*, no sudeste. Cada um desses grupos é único, possuindo sua própria língua, seus rituais e costumes. A fim de compreendermos os choques culturais vivenciados pela personagem do romance, torna-se necessário ressaltarmos alguns costumes concernentes, em especial, aos povos igbos e às novas configurações sociais promulgadas pela colonização.

Como nos mostra Harmon (2001), os iorubás se tornaram os mais urbanizados no período pré-colonial, formando numerosos reinos, centrados em uma capital. Consequentemente, foram os primeiros a terem contato com os britânicos e a absorverem os costumes europeus. Quanto aos igbos, mais voltados à agricultura, viviam em aldeias pequenas e independentes, sem nenhum sistema político dominante. Diferentemente do que ocorreu com os estados costei-

ros, como no caso dos iorubás, a colonização de povos do interior, como os igbos, foi gradativa.

Embora o processo colonial tenha começado na região dos igbos em meados da década de 1880, como ressalta Gloria Chuku (2016), os britânicos levaram até 1920 para finalmente subjugar todos os estados. O fato de os igbos não possuírem um estado centralizado dificultou esse processo. Ademais, desenvolveram um forte senso de identidade étnica com a chegada dos europeus, combatendo-os através de formas violentas e não-violentas, considerada a resistência mais tenaz da Nigéria. Em 1967, tentaram se separar como nação independente de Biafra. A guerra civil causou inúmeras mortes e destruições.

Outro agente contribuinte foi o fato de os igbos serem um povo agrário e terem forte ligação com a terra, não apenas no sentido econômico, mas também como força espiritual que, segundo Chuku (2016), desempenha um papel central em suas crenças religiosas e visão cosmológica do mundo. A terra é a morada da Deusa Terra, sendo apaziguada por meio de sacrifícios e rituais, devendo ser fortemente protegida. Por isso a necessidade de preservar os costumes e evitar a ira divina.

Com a chegada dos britânicos, diversas práticas e costumes foram questionados ou transformados, levando a intensos embates culturais e, como consequência, alimentando um sentimento de inadequação por parte dos nigerianos. Isso pode ser bem observa-

do por meio da voz narrativa do romance: “os modos europeus eram considerados modernos; os africanos, antiquados. A cultura de Lagos era uma tal conglomeração infeliz de ambos os lados que você acabava sem saber a qual pertencia” (EMECHETA, 2020, p. 41). Aku-nna e seu pai são constantemente retratados como indivíduos que ocupam esses espaços entre as fronteiras culturais. As práticas religiosas de Ezekiel Odi eram descritas como um “típico produto dessa mistura cultural. Ele pregava o evangelho aos domingos, cantava louvores ao Deus Vivo Europeu; mas tudo isso não o impedia de chamar um curandeiro nativo quando a situação exigia” (EMECHETA, 2020, p. 41). Quanto à menina, embora viva na cidade e frequente a escola, demonstra forte apreço pelas histórias e provérbios orais e os ritos de passagem:

Aku-nna, como a maioria de seus amigos, tinha nascido em Lagos, mas seus pais e parentes gostavam de contar histórias nostálgicas sobre sua cidade, Ibuza. [...] O que mais a atraía, entretanto, eram os brados e os chamados sobre a vida dos seus ancestrais (EMECHETA, 2020, p. 32).

Contudo, a forte influência da educação ocidental a aproxima cada vez mais da cultura europeia. Como consequência, não compreendia como as mulheres se sujeitavam a tradições que as silenciavam e, conseqüentemente, lhes tiravam a autonomia. Isso fica bastante evidente quando se vê forçada a se mudar para

a área rural, onde predominam os costumes tradicionais igbos. Há uma forte preocupação da personagem com sua mãe, que teria de trabalhar excessivamente nas plantações.

Além disso, com a morte do pai, a jovem se sentia incomodada com o fato de a mãe ser obrigada a se casar com seu tio, bem como dos riscos de ela mesma ter de se casar ainda bem jovem, pois como dissera sua tia Matilda “vão casar você muito cedo para conseguir dinheiro suficiente para pagar as mensalidades da escola de Nna-nndo” (EMECHETA, 2020, p. 52). A partir desse momento, a garota compreende que os interesses se centravam na educação formal do irmão, fato que a desesperava, considerando que ela acreditava no poder da educação como arma capaz de mudar o seu destino, bem como o da figura materna. Nesse momento, assume que seus estudos seriam enterrados juntamente com o pai.

É assim até hoje na Nigéria: quando você perde seu pai, você perdeu ambos os pais. A mãe é apenas uma mulher, e as mulheres devem ser desprovidas de ossos. Uma família sem pai é uma família sem cabeça, uma família sem abrigo, uma família sem pais; de fato, uma família não existente. Essas tradições não mudam muito (EMECHETA, 2020, p. 38).

Noutras palavras, a morte do pai simboliza o fim de um ciclo para toda a família, uma vez que terão de se sujeitar às tradições igbos, tendo suas vidas mo-

dificadas ao se mudarem para Ibuza. Aku-nna que, não por acaso, quer dizer “riqueza do pai”, será a mais afetada com essa morte, especialmente por não concordar com as tradições, que contrastavam com o que aprendia na escola formal.

Raphael Njoku (2016) aponta a educação ocidental como principal fator de conflitos nas estruturas econômicas, políticas e sociais na Nigéria, uma vez que levou ao surgimento de uma nova classe: a elite letrada. Ademais, segundo Chuku (2016), a educação ocidental ofereceu aos descendentes de populações escravas uma oportunidade sem precedentes de ascensão sociopolítica. Após o desenvolvimento da comercialização de escravos pelo transatlântico, os escravos haviam se tornado o mais importante negócio igbo com seus vizinhos. Como consequência, essa transação gerou riqueza e a distinção entre as classes sociais.

Diferentemente dos escravos e de outros grupos marginalizados, os nascidos livres na sociedade igbo desconsideraram a educação ocidental, a princípio, uma vez que os valores cristãos contrariavam as tradições. Todavia, de acordo com Njoku (2016), à medida que compreendiam que o ensino preparava o indivíduo para entrar em posições lucrativas, como intérpretes, catequistas, mensageiros, professores e escriturários, foram aderindo à educação ocidental. A maioria dos pais preferia que seus filhos fossem edu-

cados em inglês porque era considerada a língua do poder.

A educação é peça importante na vida de Aku-nna. Ainda que a mobilidade forçada lhe traga inúmeras mudanças, a jovem continuará seus estudos, isso porque a mãe consegue um bom dinheiro no comércio de semente de palma, podendo pagar pelos estudos da filha, contrariando os desejos de Okonkwo, agora seu esposo. Assim, quando os filhos mais velhos de Okonkwo questionam o porquê de ele pagar os estudos da jovem, o mesmo contesta, argumentando que: “nunca faria uma tolice como pagar pelos estudos dela”, [...]se pelo menos Aku-nna fosse sua própria filha. Em voz alta, ele ponderou: “A mãe dela paga” (EMECHETA, 2020, p. 99). Por fim, como justificativa aos filhos, também dirá que, com os estudos, seu preço de noiva será valioso. Logo, na perspectiva do tio da protagonista, a educação serviria apenas para aumentar seu valor como futura esposa.

Ainda que a jovem frequentasse a escola ocidental, isso dificilmente ocorria, uma vez que a própria imposição dos europeus, ao priorizar cargos importantes aos homens, colocava, conseqüentemente, as mulheres à margem. Assim, se a família não fosse abastada, priorizaria o ensino dos meninos, como no caso de Aku-nna, em que sua inserção nos estudos gera constantes conflitos entre seus novos membros familiares.

Como se observa, muitas mulheres acabam sendo forçadas a se casar como forma de contribuir com seu preço de noiva pago à família, geralmente para enriquecer os membros masculinos. Okwinkwo, por exemplo, via no preço de noiva de Aku-nna a oportunidade de adquirir títulos importantes. Portanto, a mulher não sofre apenas a violência como indivíduo colonizado, mas também a violência de gênero nas tradições igbo.

Toyin Falola e Saheed Aderinto (2010) apontam não apenas a educação, mas também o capitalismo, o cristianismo e as construções das ferrovias como preponderantes para profundas mudanças nas estruturas sociais, especialmente nas transformações do casamento tradicional. De acordo com os teóricos, a poligamia era importante no casamento tradicional, em que grandes famílias eram necessárias para a produção agrícola, além de a honra e o respeito estarem relacionados ao número de membros familiares, ou seja, à família estendida. Por outro lado, na vida urbana, onde era necessário haver recursos para enviar as crianças às escolas e demais necessidades exigidas em uma sociedade capitalista, as famílias extensas foram se extinguindo – além da influência do cristianismo, que pregava a monogamia.

Ademais, o dinheiro, por exemplo, se tornou moeda corrente aos dotes das noivas, o que resultou em um maior interesse dos homens por trabalhos assalariados. O intenso fluxo para as áreas urbanas tam-

bém contribuiu para que sobreviesse casamentos entre diferentes grupos étnicos, comumente firmados por meio de acordos, embora as uniões com *osu* (descendente de escravo) e *diala* (filho livre) nunca tenham sido bem vistas, de acordo Janice Olawoye et al. (2004).

Nas palavras de Iroegbu (2007), as uniões pautadas na compra de noiva são cruciais para os igbos, mesmo contrariando as ideias propostas pela urbanização. Ademais, serve como uma ferramenta a fim de manter a estrutura patriarcal, uma vez que se baseia na dominação dos interesses masculinos. Essa perspectiva se reflete não apenas antes de “pagar pela noiva”, como também após o casamento, em que a mulher precisa da autorização do marido e da família dele para, por exemplo, visitar a sua aldeia natal.

Casar-se por “estar apaixonado”, de acordo com Iroegbu (2007), algo pregado pelos europeus, não tem significado nas estruturas tradicionais. Em vez disso, espera-se que a jovem seja virgem e virtuosa, uma vez que a castidade é considerada honrosa, além de aumentar o valor de noiva. Mulheres que perdem a virgindade antes do casamento são consideradas menos dignas, além de afetarem o *status* da família de seu pai, bem como a do noivo. Outrossim, a fertilidade também é um ponto crucial, uma vez que adoção não é aceitável e a infertilidade é vista como maldição, em que a mulher perde sua importância social.

No romance, observamos que o embate cultural mais decisivo é justamente o interesse de Aku-nna em se casar não apenas com um descendente de escravos, como também por escolher o homem por quem estava apaixonada. Influenciada pela cultura ocidental, não compreendia o fato de as mulheres terem de se submeter às escolhas de seus familiares e não às suas próprias. Os interesses da protagonista parecem representar o papel de autonomia, do individualismo propagado pelo colonialismo, uma vez que a personagem não tem interesse em se casar por um bem comum, isto é, para que a família tivesse maior prestígio na comunidade. A atitude de Aku-nna é uma forma de desestabilizar essa estrutura patriarcal, posto que as ideias propagadas pelos ocidentais corroboraram para maior emancipação do indivíduo, em contraposição aos modelos tradicionais igbos, em que a pessoa é definida pelo senso de coletividade. Por outro lado, a própria influência colonialista intensificou as diferenciações de gênero nas esferas sociais, corroborando para uma maior subordinação das mulheres em relação aos homens.

Como nos mostra a teórica Gloria Chuku (2016), ainda que os igbos fossem grupos geralmente comandados por homens, as hierarquias entre gêneros se pautavam mais nas habilidades e nas contribuições à família e à sociedade em geral que ao próprio gênero em si. Havia certa flexibilidade que garantia que os papéis não fossem rigidamente do homem ou da

mulher. A depender das características e habilidades, a mulher poderia ser considerada masculina e o homem, feminino. Assim, as filhas eram tão valorizadas quanto os filhos, e o nascimento de uma filha era celebrado como uma fonte de admiração, como nos mostra Patrick Iroegbu (2007). Os pais e parentes próximos lhes davam nomes que refletiam sua importância como símbolos de riqueza. Além disso, segundo Chuku (2016), as mulheres de várias etnias participavam ativamente na agricultura e nos diversos mercados.

Entretanto, com a imposição do domínio colonial, as estruturas patriarcais já existentes foram potencializadas. Ao erigir estruturas administrativas e econômicas dominadas por homens, Chuku (2016) conclui que os britânicos gradualmente eliminaram quase todo o poder político que as mulheres tinham. Muitos títulos femininos de chefia foram extintos. Essas novas estruturas organizacionais implementaram uma divisão desequilibrada, culminando, inclusive, no desejo das famílias de preferirem filhos homens. Além disso, a política educacional, ao limitar o acesso das mulheres à educação ocidental, impossibilitava que a maioria delas se preparasse para a nova ordem social regida pelo capitalismo.

Como exposto, o estado colonial, centrado no homem, não reconheceu a importância das mulheres na sociedade nem aceitou que elas pudessem ocupar cargos relevantes. Por outro lado, algumas leis colo-

niais as favoreciam como, por exemplo, a legalização do divórcio, que permitiu que as mulheres dessem fim a casamentos infelizes. Por isso, podemos considerar o colonialismo como um paradoxo no que diz respeito aos direitos das mulheres, pois ao mesmo tempo que lhes deu algum tipo de autonomia, roubou-lhes privilégios de que gozavam antes do domínio colonial, especialmente nos campos político e econômico.

Por outro lado, embora na tradição igbo as mulheres possam atingir *status* importantes dentro de suas comunidades, a maioria não exercia autonomia na esfera matrimonial, em que muitas são obrigadas a se casar de forma arranjada, em que os pretendentes pagam às famílias das mulheres pelo *preço de noiva*, como o título da obra sugere. Os valores pagos à família da noiva estão de acordo, em especial, com a relevância da ascendência da mulher, bem como seus atributos físicos e – com a importância que a educação passava a exercer na sociedade – seu grau de escolaridade. No romance, Ma Blackie, mãe de Aku-nna, fora uma noiva recompensada com alto preço. Para retribuir a quantia paga, deveria demonstrar seu valor em potencial: gerar muitos filhos homens ao seu marido. Contudo,

[Aku-nna] ouviu repetidas vezes Ma Blackie e Nna discutindo por causa desse grande problema da falta de filhos. Nna não parava de tagarelar, [...] e relembrava

Ma Blackie que, por ter pago esse alto preço de noiva [...] o que ele tinha recebido em troca de tudo isso: um único filho! (EMECHETA, 2020, p. 12).

Ainda que as mulheres estivessem sujeitas às estruturas cada vez mais opressoras, muitas buscaram por estratégias de enfrentamento ao colonialismo e patriarcalismo. Elas formaram grupos de apoio, além de ocuparem os mercados, ainda que fossem empregos informais. Ma Blackie, por exemplo, foi bastante astuta ao investir seu dinheiro em um comércio que lhe rendia autonomia financeira, o que também resultou na permanência da filha na educação formal, vista por ela como necessária, já que os melhores empregos estavam, agora, nos cargos que exigiam o letramento. Por outro lado, algumas de suas práticas estavam entrelaçadas aos costumes igbos, como o fato de não aceitar que Aku-nna tivesse interesse por Chike, uma vez que ele é um *osu*, descendente de escavo.

Especialmente por estar em contato com os costumes europeus, a jovem irá contrariar os desejos da mãe. Após ser raptada por um dos pretendentes que a desejava como esposa, consegue, na noite de núpcias, ser persuasiva a ponto de inventar que não era mais virgem e que possivelmente estava esperando o filho de um descendente de escravo, o qual o rapaz teria de assumir. Essa atitude impedirá que ocorra o ato sexual entre ambos, corroborando para que Aku-nna trace

estratégias de fuga, sendo ajudada tanto pelo irmão, quanto por Chike.

Contudo, a fuga junto ao rapaz por quem está apaixonada se mostrará duplamente perigosa. Primeiro, por ser entre pessoas livres (Aku-nna) e descendentes de escravos (Chike); segundo, ao desafiar a antiga tradição que amaldiçoava qualquer mulher que se casasse sem a aprovação de sua família e sem o preço da noiva ter sido pago. O castigo seria a morte da mulher durante o parto. Os jovens trilham novos caminhos, ansiando por uma sociedade que não os julgasse pelos *status* sociais. Todavia, o ato de contrariar a própria tradição os leva, ironicamente, ao fim proposto, pois Aku-nna falecerá ao dar à luz uma menina.

Desse modo, ao trazer no título a prática de casamento que se baseia no *preço de noiva*, Emecheta remete a uma sociedade que, em muitos casos, acaba reduzindo a mulher apenas aos seus papéis sociais, como esposa e mãe. A narrativa demonstra, por meio das figuras de Ma Blackie e Aku-nna, que a culpa sempre cairá sobre a mulher, seja pelo casal não ter filhos, seja pelo preço da noiva não ser pago (ainda que a não aceitação do preço fosse especialmente uma decisão de Okonkwo, que se recusou a se unir a descendentes de escravos), seja por simplesmente buscar sua autonomia. Aku-nna se rebela contra um sistema que, para ela, é opressor. Fugir, portanto, se torna sua única arma possível.

Ademais, o romance ressalta também o sistema de castas, que discrimina os descendentes de escravos. Embora tenham sido libertos, nunca foram considerados como verdadeiros membros, não importando quão bem-sucedidos tenham se tornado. Muitos deles, aliás, exerciam cargos admiráveis na cidade, pois foram os primeiros a serem alfabetizados. Chike, por exemplo, era o professor.

Nesse sentido, Aku-nna e Chike, ainda que por motivos diferentes, são oprimidos pela sociedade e, no ato de fugir, ambos parecem representar as influências europeias a que os mais jovens estavam submetidos. Ao final do romance, a história se assemelha a um conto popular de cunho moral, criando um mito para amedrontar as meninas, no intuito de manterem as estruturas da tradição igbo e afastar qualquer atitude combativa a elas.

A todas as garotas nascidas em Ibuza depois da morte de Aku-nna, contavam a história dela para reforçar os velhos tabus da terra. Se uma garota quisesse uma vida longa para ver os filhos dos seus filhos, ela tinha que aceitar o marido que sua gente escolhia para ela, e o preço de noiva devia ser pago. Se o preço de noiva não fosse pago, ela nunca sobreviveria ao parto do primeiro filho. Era um controle psicológico sobre todas as meninas, que continua a existir, mesmo diante de toda modernização, até os dias presentes. Por que razão isso é assim, como dizem, ninguém sabe. (EMECHETA, 2020, p. 215-126).

Buchi Emecheta, embora nos fale de sua terra natal e das consequências da colonização, ao descrever a morte de Aku-nna, o indivíduo posicionado entre embates culturais, salienta as consequências que certas mudanças trazem. A morte da jovem pode simbolizar, como no romance de Achebe, o fim das tradições, de um mundo igbo despedaçado. Afinal, como nos mostra o nigeriano, em seu romance *O mundo se despedaça* (2019), a estrutura organizacional dos igbos também apresentava suas fraturas, o que foi conveniente aos homens brancos. Os que eram desprezados na sociedade ou que discordavam de certas práticas e rituais, sentiram-se confortáveis na nova lei, que assegurava que todos eram filhos de Deus e mereciam os mesmos direitos. Ao se unirem ao colonizador viam, portanto, a possibilidade de autonomia e ascensão social.

Por outro lado, o nome da filha da protagonista, Alegria¹, talvez seja um indicativo de que, no futuro, esses embates possam coexistir. Isso porque, de acordo com o que propõe no romance, a autora parece apontar que, ainda que a colonização tenha sido um processo perverso, não havia como ignorar suas consequências, uma vez que os costumes do homem branco se tornavam, cada vez mais, a nova lei no país.

Por fim, Emecheta deixa claro que práticas excludentes devem ser repensadas, aproximando-se da visão de Edward Said (2011). O teórico propõe que,

1 Na versão original, em inglês, o nome da criança é *Joy*.

ainda que tenha sido necessária a resistência a condutas práticas injustas contra os não-ocidentais, deve-se repensar as próprias práticas nacionalistas que se pautam em desigualdades e opressões. Por isso a importância dos movimentos das mulheres, uma vez que muitos sistemas se baseiam no patriarcalismo.

Considerações Finais

No âmbito das literaturas que falam *da* e *para* além da margem, autoras como Buchi Emecheta são a voz do outro lado da história, contrariando a visão euro-americana que, por muito tempo, serviu como construção de um imaginário de África e da mulher negra, sob uma ótica expressamente positiva à colonização e completamente contrária às culturas autóctones.

Emecheta trava, então, uma guerra. Não no sentido bélico, mas epistêmico. Com o seu fazer literário, reverte esse papel de uma única história, em que a literatura se torna a ferramenta capaz de questionar ideias cristalizadas e evidenciar histórias anteriormente silenciadas, possibilitando que essas vozes ecoem para além das margens.

Em *Preço de noiva*, a autora pincela um universo em que os violentos processos da colonização se mostram cada vez mais evidentes, contrariando os costumes e as tradições da população igbo. Como mulher, faz questão de protagonizar personagens femininas,

pontuando as estratégias de enfrentamento e resistência dessas mulheres em um contexto marcado por diversas formas de exploração.

Embora retrate a chegada do colonizador como um processo que atropela a cultura tradicional, Emecheta não descreve os igbos de forma idealizada. Ainda que evidencie aspectos positivos, como o senso de comunidade, também ressalta práticas autocráticas, como contra as mulheres e os descendentes de escravos. O casamento de Aku-nna e Chike, ao contestar as normas tradicionais, serve para expor as fissuras abertas dentro do próprio sistema igbo, o que apenas facilitou o ambicioso projeto colonial.

A morte de Aku-nna pode, afinal, representar não apenas a tentativa da sociedade em silenciar as mulheres, como também a própria morte da tradição. Afinal, ao se rebelar, a menina traça, ironicamente, seu próprio fim, como previsto aos desobedientes. Apesar de a colonização ter sido insidiosa, ao mesmo tempo, Emecheta salienta que não havia como negá-la. As mudanças ocorridas eram evidentes, permeando as novas configurações sociais nigerianas.

Todavia, era possível que, a partir de um olhar crítico, o poder retornasse ao colonizado, de modo a criar, ele mesmo, uma nova sociedade. Segundo Chinua Achebe (2012), a posição do meio é afortunada por não ser nem a origem nem o fim das coisas. O meio tem consciência de um caminho futuro e um apoio ao passado. Afinal, a *Alegria* deveria ser reto-

mada pelo povo, como sugere o nome da nova vida que brota, bem como do título que encerra a narrativa. Enfim, um (re)nascimento.

Referências

ACHEBE, Chinua. *O mundo se despedaça*. Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ACHEBE, Chinua. *A educação de uma Criança sob o Protetorado Britânico: ensaios*. Tradução de Isa Mara Lando, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire Whites Back: Theory and practice in post-colonial literatures*. Routledge. London and New York. 2nd edition, 2002.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Miriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1978.

CHUKU, Gloria. Gender relations in early Twentieth-Century igbo society. In FALOLA, Toyin, NJOKU, Raphael Chijioko (Orgs.). *Igbo in the Atlantic World. African origins and diasporic destinations*. United States: Indiana University Press, 2016.

COLLINS, Hill Patricia. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. New York: Routledge, 2000.

DAVIES, Boyce Carole. *Black Women, Writing and Identity: Migrations of the subject*. New York: Routledge, 1994.

EMECHETA, Buchi. *Preço de noiva*. Tradução de Julia Dantas. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

FALOLA, Toyin; ADERINTO, Saheed. *Nigeria, Nationalism, and Writing History*. United Kingdom: University of Rochester Press, 2010.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFFJ, 2013.

IROEGBU, Patrick E. *Gender and bridewealth power in a changing African society: The Igbo of Nigeria*. Canada: Trafford Publishing, 2007.

HARMON, Daniel. *Nigeria. 1880 to the Present: The Struggle, the Tragedy, the Promise*. London: Chelsea House Publishers, 2001.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 9-23.

MIGNOLO, *Histórias Locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

OLAWOYE, Janice et al. *Social Construction of Manhood in Nigeria: Implications for Male Responsibility in Reproductive Health*. African Population Studies/Etude de la Population Africaine, Vol. 19, No. 2, August 2004, pp. 1-20.

Quem foi Buchi Emecheta a influente escritora nigeriana recém-lançada no Brasil. Disponível em: <<https://www.taglivros.com/blog/quem-foi-buchi-emecheta-a-influente-escritora-nigeriana-recem-lancada-no-brasil/>>. Acesso em 28 jul. 2018.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.